



LENDAS DE CASTELO DE PAIVA ACERCA DO

"MEMORIAL DA BOAVISTA" *Paiva 1/6/83*

Não há dúvida que, se procurarmos através do conceito quaisquer factos relacionados com a história de Castelo de Paiva - das suas terras, das suas gentes, dos seus "monumentos", dos seus usos e costumes - perdemo-nos no tempo e dificilmente conseguimos penetrar com a certeza dos documentos na verdadeira História de Paiva. Dos vestígios de passagem por estas terras de povos "imemoriais" pouco nos resta. Os investigadores são raros e os que existem não se debruçam sobre este pequeno recanto que, face à riqueza do seu solo e subsolo, marcou gerações que aqui assentaram arraiais. As dificuldades aparecem àquelas que à sua própria custa tentam desbravar caminho neste deserto cultural em que vivemos.

Sinal dos tempos hodiernos, este em que o homem vive mais o seu problema material pouco se preocupando com o que o rodeia ou com o solo que pisa. É tudo paisagem... e até esta é vítima do desprezo dos homens!

Mas que importam "lições de moral" quando a Moral deixou de existir?!

.....
Vamos à primeira lenda que envolve o "Memorial da Boavista".

Conta-se que - apesar deste monumento possuir todas as características de um sepulcro, para além das espadas nele visíveis que nunca poderão estar relacionados com os objectos próprios de uma Santa -, um dia em que Santa Mafalda se deslocava da Vila de Canaveses em direcção a Arouca, para recolhimento no Convento de Religiosas da Ordem de Cister, descansou numa das pedras deste monumento. Em memória deste acontecimento ter-se-ia preservado esse local dando-lhe o nome de "Memorial" em honra de Santa Mafalda.

.....
A outra lenda é uma linda história de amor:

Conta-se que, há muitos anos, vivia no Paço de Gon-

cedente dos Bulhões, de nome D. Martim. Era ainda bastante jovem quando se apaixonou por Maria Teresa Taveira, conhecida por Maria, "A Boa", uma bonita donzela que vivia com seu pai, D. Gil, no Castelo ou Torre, nos montes de Vegide. D. Gil quis que D. Martim fosse à guerra antes de casar com sua filha. O moço, que era destemido e aventureiro, aceitou a proposta e começou com os preparativos para a festa, pois antes de partir quis ser armado cavaleiro. E foi D. Maria quem, cumprindo a praxe, lhe calçou a espada de ouro, enquanto D. Gil lhe afivelou a espada. Finda a festa, D. Martim seguiu para Lisboa, onde, com a ajuda dos Cruzados, D. Sancho I organizava uma hoste para a conquista de Silves. Entusiasmada, logo que D. Martim aproveitou a ocasião de se valorizar numa empresa nobre. Mas tão temerário foi, que acabou por ser feito cativo dos Mouros.

Entrementes, em Vegide, D. Gil falecera e Maria ficara só. D. Gil foi sepultado num jazigo aberto num penedo, ao lado de sua esposa (Pia dos Mouros).

Quando chegou a Paiva a nova do cativo de D. Martim, Maria ficou muito reciosa, pois vinha sendo, há tempos, perseguida pelo Senhor da Raiva - D. Fafes. Era este D. Fafes um homem muito rico e cruel e, como não consentia que Maria lhe resistisse, decidiu tomá-la pela força, metendo-se, assim, a caminho de Vegide. Mas aconteceu que o capelão dos Paços de Gondim conseguiu negociar com os Mouros a liberdade de D. Martim.

Os dois rivais encontraram-se junto aos Portais da Boavista, e aí travaram um renhido combate, do qual D. Martim saiu vitorioso. Para memória do feito mandou D. Martim erguer no local a sepultura de D. Fafes. - o "memorial", no dizer do povo.

D. Martim casou com Maria, e tiveram um filho - Santo António.